



NEGAÇÃO E RESISTÊNCIA

NEGATION AND RESISTANCE

NEGACIÓN Y RESISTENCIA

João Carlos Cattelan

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

Resumo

Às vezes, por algum tipo de inferência demasiadamente apressada e, na maioria dos casos, muito pouco embasada, afirma-se que, para a Análise de Discurso, o sujeito é assujeitado (terminantemente assujeitado) em face da interpelação a que está submetido, não lhe cabendo qualquer espaço de ruptura ou de resistência. Frente ao instituído/estatuído, só lhe caberia ceder à ilusão de ser fonte/origem do sentido, de resto, repetindo parafrasticamente o que um discurso estabelece. Este tipo de percepção parece não conhecer ou obliterar a perseguição incansável que Michel Pêcheux empreendeu na busca de espaços de ruptura e de criação de lacunas na ordem estabelecida. Este estudo pretende trabalhar com uma delas: a *negação*, utilizando, como material empírico, excertos de **O Crime do Padre Amaro**, de Eça de Queirós, e apontamentos sobre o movimento conhecido como **#EleNão**.

Palavras-chave: Discurso, interpelação, resistência, negação.

Abstract

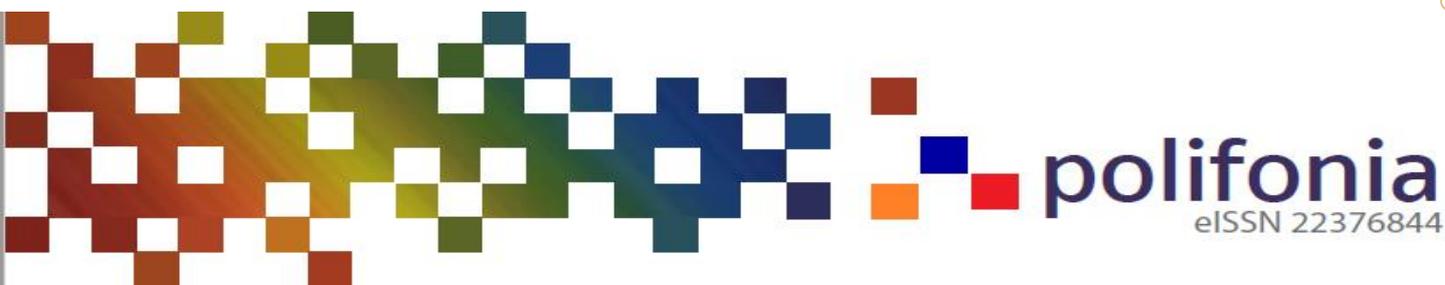
Sometimes, by some sort of overly hasty and, in most cases, very little grounded inference, it is stated that, for Discourse Analysis, the subject is subjected (decisively subjected) to the interpellation to which he/she is submitted, and, therefore, there is not any margin for rupture or resistance. Faced with the instituted/established, the subject would only depend on the illusion of being the source/origin of meaning, but in fact repeating paraphrastically what a discourse establishes. This type of perception does not seem to know or obliterate the relentless pursuit undertaken by Michel Pêcheux in the search for margins of rupture and creation of gaps in the established order. This study aims at approaching one of them: the *negation*, by using, as empirical material, excerpts from **O Crime do Padre Amaro (The Sin of Father Amaro)**, by Eça de Queirós, and notes on the movement known by **#EleNão (#NotHim)**.

Keywords: Discourse, interpellation, resistance, negation.

Resumen

A veces, por algún tipo de inferencia demasiado apresurada y, en la mayoría de los casos, muy poco fundamentada, se afirma que, para el Análisis de Discurso, el sujeto es sujetado (terminantemente sujetado) debido a la interpelación a que está sometido, no correspondiéndole ningún espacio de ruptura o de resistencia. Delante del instituido/estatuído, solo le sería posible ceder a la ilusión de ser fuente/origen del sentido, por lo demás, repitiendo parafrásticamente lo que un discurso establece. Este tipo de percepción parece no conocer u obliterar la persecución incansable que Michel Pêcheux emprendió en la búsqueda de espacios de ruptura y de creación de huecos en el orden establecido. Este estudio pretende abordar una de ellas: la *negación*, utilizando, como material empírico, pasajes de **O Crime do Padre Amaro (El Crimen del Padre Amaro)**, de Eça de Queirós, y apuntes sobre el movimiento conocido como **#EleNão (#ÉlNo)**.

Palabras Clave: Discurso, Interpelación, Resistencia, Negación.



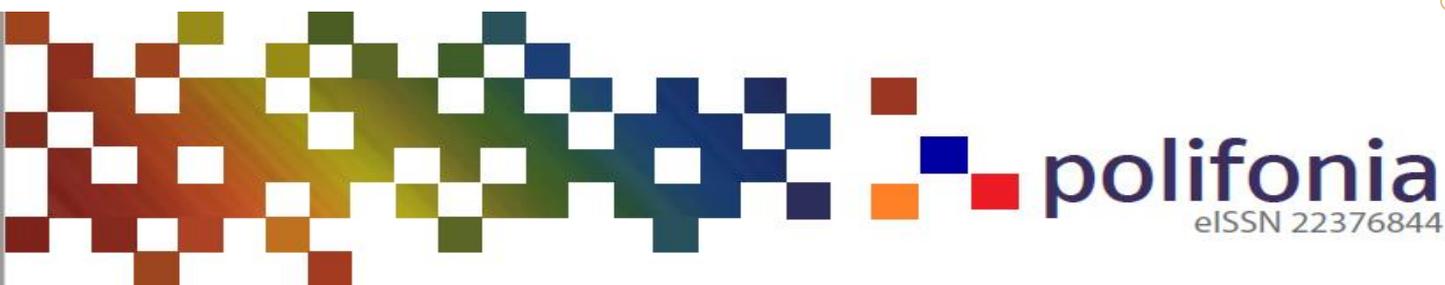
1. Introdução

Numa de suas noções basilares, a Análise de Discurso (doravante, AD) defende que o processo de subjetivação (a transformação do indivíduo em sujeito) ocorre pela *interpelação*, que redundaria, no limite, na constituição de uma subjetividade não-subjetiva. Assim como Noam Chomsky, considerando o ponto de vista sintático, defende uma criatividade não-subjetiva, dado que as estruturas profundas comandariam a produção das estruturas superficiais, do ponto de vista discursivo, o sujeito seria determinado por princípios ideológicos que o açambarcariam, reduzindo-o a um autômato, repetidor mecânico de visadas axiológicas cuja origem desconhece, e à ausência renitente da percepção dos fios de leitura que professa. Assim, algumas vezes, por uma inferência um pouco apressada, o sujeito acaba sendo considerado como cabalmente assujeitado: mero porta-voz de um ponto de vista.

A primeira observação em relação a esta assunção é que ela parece se pautar na inobservância dos tipos/gêneros discursivos, assumindo que, em todos eles, a transformação do indivíduo em sujeito se faz por meio de um discurso ditatorial que o prende com tenazes que não podem ser rompidas e o colocam numa engrenagem automática de (re)produção de paráfrases. Sem negar que a interpelação convoque/chame/induzza/conduza em direção a determinadas miradas, talvez, fosse adequado assumir que discursos de natureza distintas produzem acordos/cadeias diferentes: mais assujeitamento nessa, menos naquela; uma doutrina esclerosada de um lado, uma obra aberta de outro.

A segunda se refere ao fato de que Michel Pêcheux nunca deixou de digladiar com o problema de teorizar a interpelação como submetida a falhas e como estando colocada sob o risco de ter os seus ditames esfacelados. Seja pela noção de contraidentificação (que ele próprio negou mais tarde), ou por considerar a língua como um sistema de regras sujeito a falhas, ou por defender que o ritual está sujeito a lapsos e equívocos, a defesa do assujeitamento sempre andou par-e-passo com a busca da teorização da surpresa, do chiste e da negação, dentre outras cesuras que produzem o imprevisível/aleatório.

Trata-se, em outros termos, de conceber a interpelação como sendo submetida a um

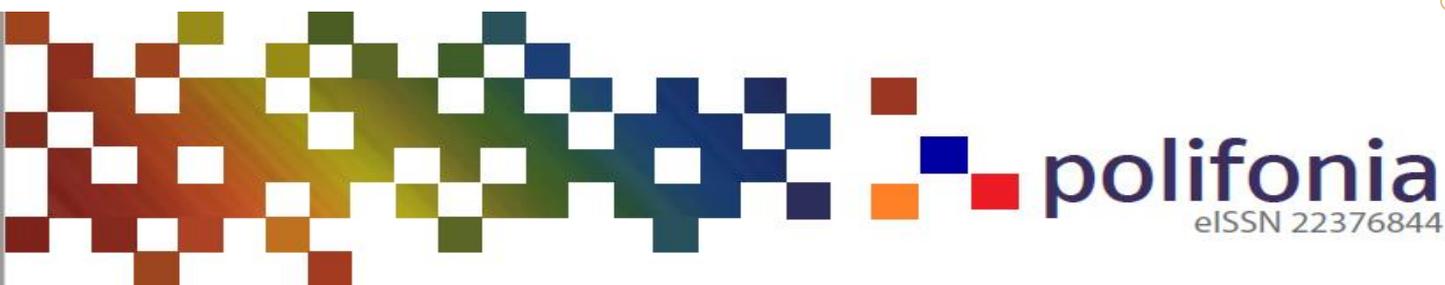


gradiente de cooptação e de buscar, assim como pretendia Michel Pêcheux, investigar os interstícios que imiscuem na normalidade do enunciado o espanto em face do que deveria vir e foi substituído pelo inesperado e pelo aleatório. Neste sentido, se a interpelação é o princípio de funcionamento do discurso, a quebra do ritual e o surgimento da resistência, mesmo sendo movidos por um outro chamamento, esburacam a memória e estilhaçam o acontecimento; é porque a interpelação existe que a falha pode adquirir espessura, contrapor-se e apontar para a emergência polêmica, derrisória e positiva que indicia outro (ac)ordo e outra ordem. Dito de outro modo, a interpelação e a resistência fazem parte do mesmo processo e a segunda logra, muitas vezes, provocar fraturas duradouras na primeira: se não fosse assim, o desenvolvimento de processos históricos não aconteceria.

Objetivo, com este estudo, dar corpo a uma das formas de fazer frente ao instituído/estatuído interpelativo: a *negação*. Conflituosamente, ela pode representar a timidez e a passividade, pelo prazer da manutenção de determinados benefícios, mas também pode significar a coragem e a audácia da contradição que almeja a busca do irrealizado. De toda maneira, a negação traz como pressuposto inextricável a afirmação precedente, assim como a afirmação só se justifica tendo como horizonte a negação proferida. Ninguém diz ‘não’, se não for para negar um ‘sim’, e ninguém diz ‘sim’, se não for para negar um ‘não’. ‘Sim’ e ‘não’ nunca são fatos absolutos, mas a contraparte contraditória e polêmica do Outro/Sujeito. Alerto que me dedico aqui à negação de resistência positiva, que busca o irrealizado, e não aquela que é movida pelo conformismo e pela passividade estagnadora.

Tomo como corpus de dados fragmentos do romance **O Crime do Padre Amaro**, de Eça de Queirós, e a manifestação **#Ele Não**, que levou milhões de mulheres às ruas em 29 de setembro de 2018, posicionando-se contra o presidenciável Jair Bolsonaro, por declarações sexistas feitas pelo candidato. Como *background* teórico, busco amparos, sobretudo, em Michel Pêcheux (1995), Marilena Chauí (1996), Eni Puccinelli Orlandi (2011), Dominique Maingueneau (1989-2005) e Oswald Ducrot (1987). Busco demonstrar, sobremaneira, o poder construtivo/destrutivo da negação discursiva.

2. Sobre a Resistência e a Cultura Popular



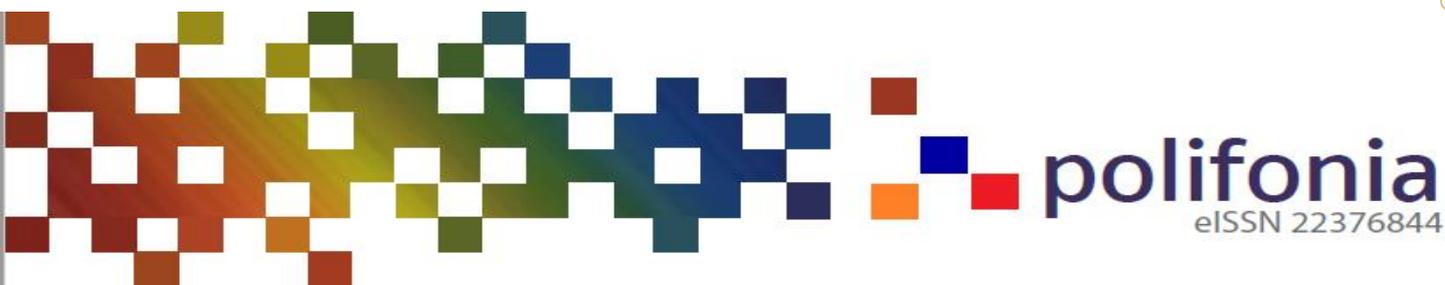
Considerando os postulados de Michel Pêcheux e de Marilena Chauí, conformismo/passividade e resistência/polêmica constituem uma relação dialética e são um a contraparte inextricável do outro. Se existe uma tentativa de massificação, de padronização e de uniformidade, por um lado, há, por outro, a atividade constante e ininterrupta de questionamento, de contradição e de confronto. Se por conta de alguma preponderância o pêndulo parece incidir, mecanicamente, sobre um dos polos do sentido e se colocar como aliado da reprodução e da repetição, não é possível concluir que não haja espaço para manobras/estratégias/lances de desconcerto e de falha/quebra do ritual.

Em Pêcheux (**apud** ORLANDI, 2011, p. 115 - grifos do autor), pode-se ler:

As proposições de Althusser (...) formam uma ajuda valiosa nessa direção, se forem interpretadas de tal forma que os processos de reprodução ideológicos *também* sejam abordados como local de *resistência múltipla*. Um local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções.

O excerto permite perceber a defesa de que a resistência vai de encontro à injunção por meio de relações interdiscursivas polêmicas, não constituindo, contudo, no limite, um corpo acabado de crenças ou princípios de leitura, que funcionaria aos moldes de uma doutrina, ou de uma disciplina, ou de uma teoria. Ela não acontece em paralelo, como se fosse uma ideologia acabada que se coloca contra outra: como se fosse corpo pleno contra corpo pleno. Ela acontece mais conforme o modo do combate tático contra pontos nevrálgicos erigidos como cernes de valores por uma ideologia dominante, por uma mentalidade hegemônica ou por valores axiológicos cristalizados. A resistência se faz por meio de ataques pontuais contra este ou aquele princípio da couraça, que busca, é verdade, inibir a revisão de seus ditames.

Neste sentido, a reprodução ideológica, com tudo o que ela acarreta, por mais instituições, ou aparelhos, ou estratégias, ou maquinarias de que disponha para se manter coesa e inteira, não é infensa às investidas que a atacam e produzem rupturas, obrigando-a a determinadas revisões, ainda que, no mais da vezes, elas sejam superficiais e forcem apenas a concessão de parte para que o todo permaneça inteiro e resistente. Mas a resistência é da ordem do

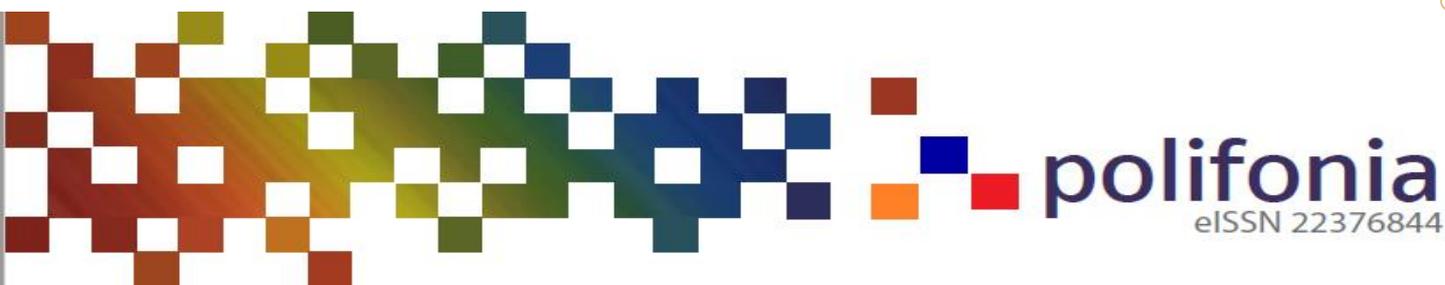


discurso e, frente às constrições que ele estabelece, ela se corporifica em pequenos lances que provocam fissuras e brechas nas leituras instituídas.

Um caso permite didatizar a reflexão. Uma docente, ministrando aula de Linguística Textual e trabalhando sobre o tópico específico de Coesão Textual, ao citar um enunciado e destacar o recurso que estabelecia a remissão entre as partes, disse: “Este pronome é um dos recursos de coesão sexual”, momento em que a turma riu e deixou a professora desconcertada, por não saber qual seria o motivo da graça. Sendo conscientizada do que tinha dito, ficou encabulada e, de início, não acreditou que tivesse proferido o que os alunos garantiam que ela tinha feito. Geralmente tido como erro ou descuido, este tipo de fenômeno revela compromissos e interesses que transcendem o que o ritual estabelece como normal e esburaca o que uma moral pautada na assepsia do pensamento e na primazia do trabalho impõe como desejável. Em outras palavras: frente a um princípio ideológico entrelaçado com outros que buscam se sustentar entre si e garantir que a estrutura global se mantenha em sua inteireza, falhas como essa, se ouvidas com a atenção que merecem, podem ocasionar fissuras na armadura que busca açambarcar os sujeitos e direcionar o que devem pensar e fazer.

É neste sentido de compreensão que vão as reflexões de Chauí (1996). Para ela, “Isto significa que (...) *não tentaremos abordar a Cultura Popular como uma outra cultura ao lado (ou no fundo) da cultura dominante, mas como algo que se efetua por dentro dessa mesma cultura, ainda que para resistir a ela*” (p. 24 - grifos da autora) e “*não trataremos a Cultura Popular pelo prisma de uma totalidade que se põe como antagônica à totalidade dominante, mas como um conjunto disperso de práticas, representações formas de consciência que possuem lógica própria, distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência*” (p. 25 - grifos da autora).

A confluência existente entre Michel Pêcheux e Marilena Chauí que interessa para este estudo e para a qual eu gostaria de chamar a atenção incide sobre o fato de que, se, por um lado, existe uma ideologia ou uma cultura dominante, estruturada e concatenada por meio de um conjunto de princípios que se reforçam e constituem uma armadura inteira e descomunal, por outro, em contraposição, erigem-se ataques estratégicos contra pontos específicos que a minam e a fazem se movimentar, provocando fissuras, mesmo que esse fenômeno se revele



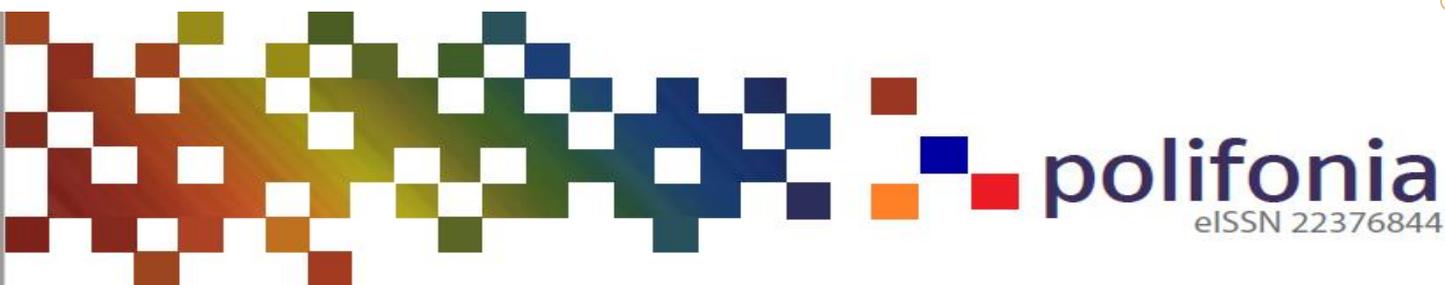
por meio de manifestações insignificantes e até irrisórias de início, mas que podem acabar constituindo novos terrenos de sentido e outros “acontecimentos” discursivos. Neste artigo, eu pretendo tematizar a negação como forma de resistência.

3. Sobre a Polêmica

Entendendo que o funcionamento discursivo tem como primado, por meio da interpelação, levar ao assujeitamento dos indivíduos (não parece ser outra a meta da pregação religiosa, das campanhas publicitárias, dos processos nos tribunais, da perseguição política, para ficar em alguns exemplos), há que se reconhecer, também, que, contra a injunção que se abate sobre os indivíduos/sujeitos, lances de insubmissão/discordância se desdobram e fazem frente ao indesejável, ao incômodo e ao irrealizado. Neste sentido, as estratégias de resistência são variadas e multiformes, porém todas parecem ter como base geral de sustentação a derrisão, a discordância e a polêmica.

De acordo com Maingueneau (2005, p. 123), “o Mesmo não polemiza a não ser com aquilo que se separou à força para constituir-se, e cuja exclusão reitera, explicitamente ou não, através de cada um de seus enunciados. O Outro representa esse duplo cuja existência afeta radicalmente o narcisismo do discurso, ao mesmo tempo em que lhe permite aceder à existência”. A resistência, como se percebe, vem atrelada à vontade de separação, de exclusão, de negação e de realização do irrealizado. A relação polêmica, que é sempre conflituosa e demeritória, por seu turno, é sustentada pela crença de estar de posse da verdade (mesmo que ela seja, no mais das vezes, efeito de um sujeito desejante), enquanto o outro é tido como aquele que está postado numa mirada equivocada e que merece correção. Eis, assim, duas formas de combate à interpelação e ao discurso monocórdio: a polêmica enquanto confronto e a resistência como vontade de desejo a ser realizado.

A polêmica, como princípio de funcionamento de que se nutre a resistência por meio da negação, está ligada ao que Maingueneau (2005, p.37 - grifo do autor) conceitua como “*espaço discursivo*, isto é, subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para o seu propósito colocar em relação”. Em outros termos: no jogo bilateral em que



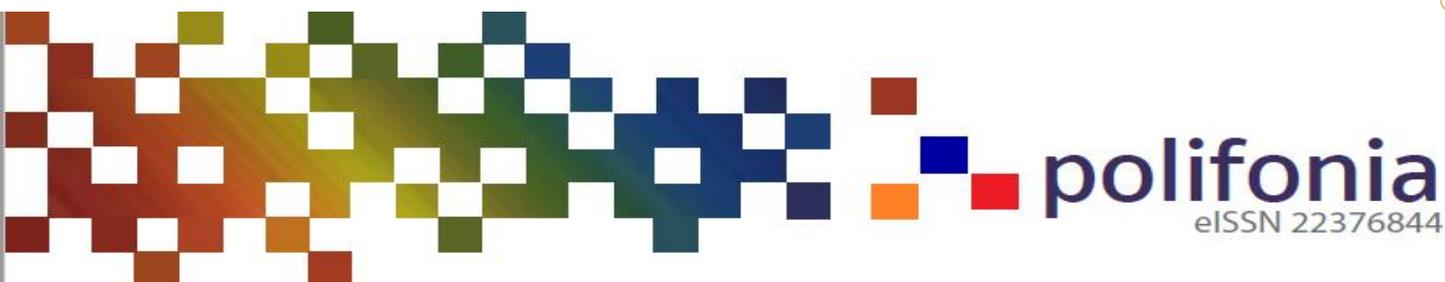
uma negação se faz, contrapondo-se a uma afirmação (ou vice-versa), o discurso possui uma face positiva (que nega seriamente) e uma negativa (que afirma oficiosamente): jogo paradoxal que faz da negação uma afirmação e da afirmação uma negação. Ao dizer ‘não’, nega-se e afirma-se; ao dizer ‘sim’, afirma-se e nega-se. No caso da polêmica encetada por meio da negação, a negativa rejeita, afirmando que a verdade/o irrealizado/o desejo estão do outro lado daquele que se contrapõe a eles por meio da afirmação.

Ainda de acordo com Maingueneau (2005, p.113), “A polêmica aparece exatamente como uma espécie de homeopatia pervertida: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor conjurar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro”. Neste diapasão, a polêmica não acontece como discurso monocórdio, uníssono e autônomo, sem uma contraparte a que é preciso combater, nem a resistência se faz que não seja contra o outro, do qual é preciso se separar, submetendo-o a outro fio de avaliação. A polêmica é interdiscursiva, sendo o caso de que um discurso digladiava com o Outro devendo discordar dos seus posicionamentos, bem como a resistência é movida pela contradição frente a um determinado uso/ditame/valor/desejo. É sob esta perspectiva que este estudo se acha alocado, compreendendo a negação como sendo constituída por uma natureza polêmica e como estando submetida, no mais das vezes (se não sempre), ao funcionamento da resistência.

4. Sobre a Negação

Os estudiosos da linguagem que se filiam a correntes de investigações como Linguística Textual, Semântica, Pragmática, Análise de Discurso ou, mais amplamente, ao Funcionalismo, partilham um mesmo primado geral sobre a negação, entendendo que, “em um enunciado negativo, (existem) duas proposições, a saber, uma proposição primeira e uma outra que a nega (e que) o recurso à distinção locutor/enunciador permite ajustá-la e integrá-la a um quadro mais geral” (MAINGUENEAU, 1989, p. 80). A negação seria, desse modo, a contraposição entre dois pontos de vista, sendo que um deles toma determinada afirmação como aceitável, enquanto o outro a refuta polemicamente.

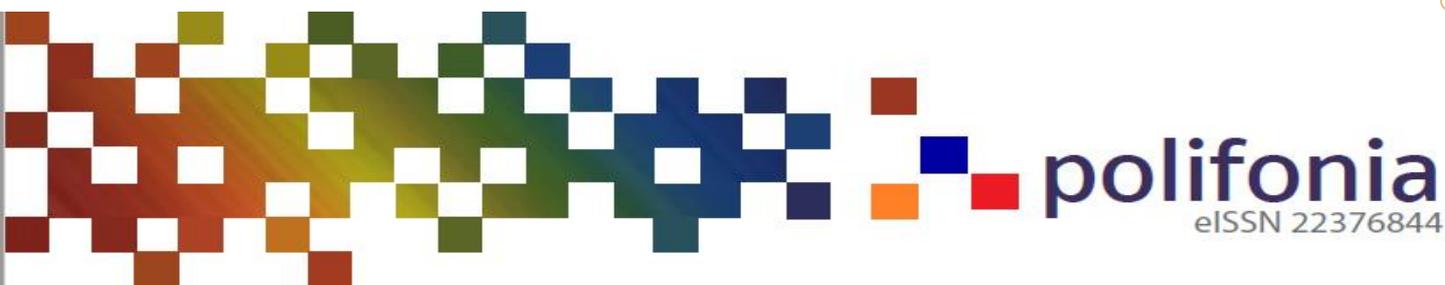
Para Ducrot (1987, p. 123), “a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é



analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois ‘enunciadores’ diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição deste ponto de vista”. Num enunciado como “não concordo com a tua opção política”, as próprias marcas do enunciado, distribuídas entre um “eu” (*concordo*) e um “vo-cê” (*tua*), mostram que o *não* põe em confronto dois personagens, sendo um deles assimilável à determinada escolha política, cuja posição é refutada por uma visada diferente. É neste sentido que o autor citado trata a negação como um evento polifônico, dado que por meio dela se desvelam duas vozes, neste caso, antagônicas e dissonantes.

Nos campos de estudo supramencionados, os pesquisadores defendem, na esteira de Ducrot (1987), que há três modalidades de negação: a *metalinguística*, que contradiz palavras materializadas na linearidade do intradiscurso; a *descritiva*, que representa um conflito entre o que poderia ser o caso, mas cuja descrição objetiva não se confirma; e a *polêmica*, que trata da rejeição frontal e derrisória de um ponto de vista. De acordo com tais apontamentos, haveria entre as três negações um denominador comum: todas são movidas pela rebeldia frente ao que deveriam se curvar, mesmo que sejam realizadas sobre ingredientes distintos do intradiscurso.

Para exemplificar o caso da negação *metalinguística*, valho-me de um post que circulou no *facebook* depois do pronunciamento do general Mourão sobre o 13º salário: “Vadiagem não é bolsa família; é filha de militar receber pensão mentindo ser solteira”, em que o exemplo de vadiagem utilizado pelo general é rechaçado, passando a, por meio de uma retificação, ter uma outra forma de ilustração. Parece que o exemplo permitiria ser enquadrado também no caso da negação *polêmica* e talvez seja apenas uma questão de preponderância. Para o caso da negação *descritiva*, recorro ao enunciado de Boulos (candidato a presidente pelo PSOL) que afirmou: “Eu ando com sem-teto, ando com sem-terra, só não ando com sem-vergonha”. Aqui, a negação não parece estar atrelada a um enunciado afirmativo anterior, mas se abrir para um futuro que poderá engendrar alguma *polêmica* e troca de acusações. De toda sorte, o efeito gerado parece ser apenas o de descrever, isentamente, um conjunto de eventos. Finalmente, para a negação *polêmica*, utilizo outro post de redes sociais, que, contrapondo-se ao candidato a presidente pelo PSL, dizia: “Cristão não vota em torturador: #EleNão”, cujo



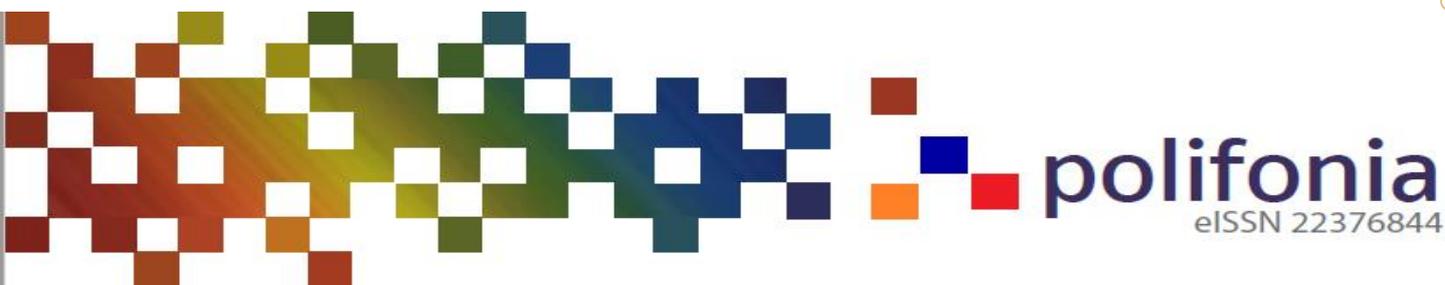
efeito de sentido parece acentuar um descompasso entre a suposta opção religiosa de alguns eleitores e os comportamentos e os discursos do candidato em questão. Alerto brevemente para o que os estudiosos da negação são unânimes em repetir: os tipos de negação parecem se imbricar e a resolução da celeuma se dá em torno da assunção da preponderância de uma em relação às outras.

Para fechar a seção, quero enfatizar o que me parece ser o funcionamento geral comum da negação, quando ela é vislumbrada a partir do ponto de vista discursivo, o que significa colocar em cena, como defende Michel Pêcheux, os protagonistas do discurso. Por mais que a negação possua nuances estruturais diferentes, aplicando-se a um sintagma, a uma proposição ou a uma pressuposição, o fio interdiscursivo que a constitui faz dois discursos colidirem: um que afirma e outro que nega. Quer me parecer que, por detrás dos efeitos de construção que a negação estabelece, ela é sempre polêmica, porque põe dois discursos de um espaço discursivo em confronto, estabelecendo uma relação polêmica, demeritória, derrisória e refutativa. Discursivamente, a negação é sempre polêmica, apesar de que se revista, na linearidade, de traços descritivos, metalinguísticos ou explicitamente polêmicos.

5. A Negação em *Eça de Queirós*

Como afirmei no início, objetivo efetuar algumas reflexões sobre a *negação*, vendo-a como uma das modalidades de resistência que funciona no diapasão da derrisão, da recusa, da rejeição e da contradição. Para a verificação deste postulado, utilizo alguns recortes retirados de **O crime do padre Amaro**, do romancista português Eça de Queirós, que transita, polifonicamente, entre um discurso que seria condescendente, amigável, empático e receptivo e um outro, postado do lado oposto do pêndulo, que teria como sustentação a punição, a criação do medo, o terror do pecado, a crueldade e a desumanidade.

Na obra, *Eça de Queirós*, por meio de uma relação bidirecional que transita entre duas visadas diferentes de viver a religiosidade, abre janelas sobre o que seria a igreja católica tradicional e propõe outra mirada sobre a doutrina cristã. Conforme se avança na leitura do romance, o leitor vai é colocado à frente de um clero devasso, oportunista, guloso, hipócrita e



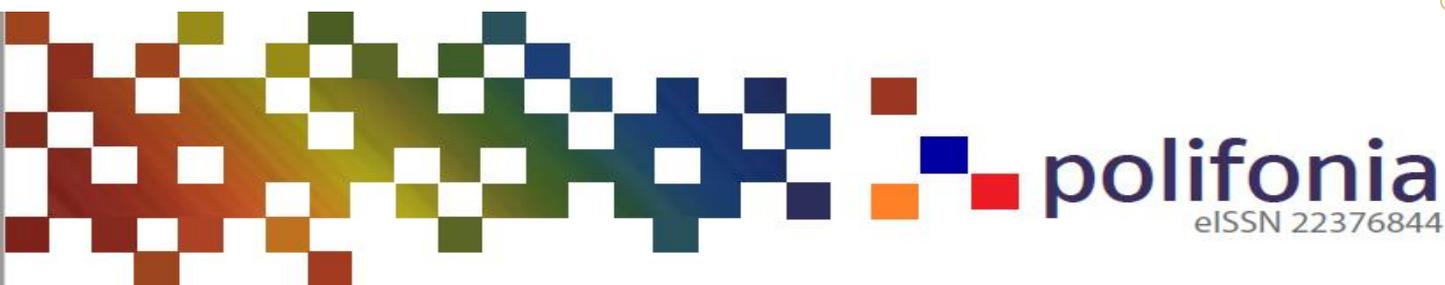
covarde e que é responsável por fazer as pessoas temerem até os pensamentos, pois Deus seria um tirano perverso. Frente ao terror do pecado, os fiéis reprimem os desejos, fazem jejuns exagerados e reproduzem orações intermináveis. Do lado do clero, a encenação envolve assassinos de crianças que acalmam a consciência afirmando que são anjos indo ao paraíso.

Tendo como antagonistas o padre Amaro, cujo nome dá o título à obra, e o cônego Dias, ambos situados na extremidade que tipifica o clero com traços nada indulgentes, e o abade Ferrão, portador de outro horizonte axiológico sobre a religião cristã, o romancista movimentava as personagens e põe frente à frente duas maneiras antitéticas de conceber a Deus e aos homens. De um lado, o posicionamento punitivo e atemorizador; do outro, uma mirada empática, indulgente, compreensiva e humanizadora. E a negação contribuiu de forma decisiva para que, por meio do abade Ferrão, Eça de Queirós construísse outro horizonte valorativo.

No romance, Amaro, com a morte do pároco da Sé, assume a abadia de Leiria, com a boa intenção de salvar as almas e conduzi-las a Deus. O cônego Dias, amante de Joaneira, mãe de Amélia, protagonista que vive um caso de amor libidinoso e inseguro com Amaro, organiza tudo para que o novo vigário se hospede na casa da senhora, na qual é hóspede à mesa e à sesta. Amaro compõe o quarteto (quartilho), pois Amélia se torna sua amante e engravida, morrendo, ao final da obra, juntamente com o filho.

Interpondo-se na relação problemática e desequilibrada que Amélia vive com Amaro, surge o abade Ferrão, que busca apaziguar o espírito da moça, que se atormenta por se julgar pecadora e padece tormentos horripilantes considerando as punições que podem vir de Deus. Desde a chegada à Leiria, Ferrão foi tomando consciência, por meio da observação do cônego Dias, das beatas carpideiras e da relação de Amélia e Amaro, de como tudo se desenrolava na paróquia. Ao mesmo tempo que percebia que, no grupo que o cercava, havia pessoas falsas e hipócritas, dava-se conta que, no fundo, eram reprimidas e recalçadas, em virtude do discurso castrador e punitivo a que eram submetidas. Não aceitava o clima de terror que se impunha sobre os fiéis, que temiam o pecado, mas eram frágeis e irresolutos. Contra a parca força de vontade, era erguido um Deus tirano, ameaçador e brutal.

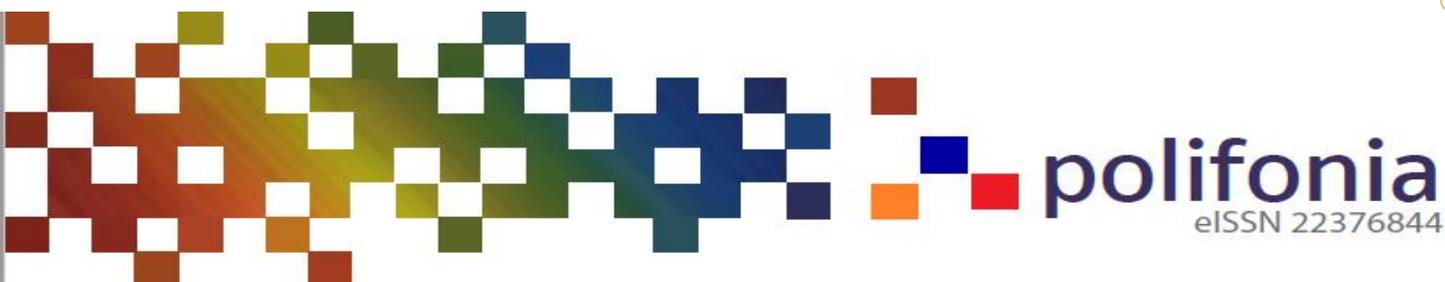
No romance, há confissões que o abade recebe, sobretudo de Amélia, que contribuem para a consecução de um dos objetivos deste artigo: refletir sobre o fato de que a negação



possui um caráter polêmico e derrisório, por meio da qual ocorre a contraposição entre discursos constituídos por miradas valorativas distintas. Neste caso, contra um discurso secular e plenamente instituído, os posicionamentos antagônicos de Ferrão minam o mundo de crenças em que os fiéis e Amélia estão imersos. No caso dela, há pesadelos e alucinações frente aos sofrimentos que o futuro parece lhe reservar e que, na verdade, ocorrem ao final. Valendo-se de Ferrão, seu porta-voz, o autor, durante uma confissão, a de Dona Josefa, assumindo-se como narrador e utilizando os discursos indireto e indireto livre, escreve:

Quis então levar àquele noturno cérebro de devota, povoado de fantasmagorias, uma luz mais alta e mais larga. Disse-lhe que todas as suas inquietações vinham da imaginação torturada pelo terror de ofender a Deus... Que o Senhor não era um amo feroz e furioso, mas um pai indulgente e amigo... Que é por amor que é necessário servi-lo, não por medo... Que todos esses escrúpulos, Nossa Senhora a enterrar alfinetes, o nome de Deus a cair no estômago, eram perturbações da razão doente. Aconselhou-lhe confiança em Deus, bom regime para ganhar forças. Que não se cansasse em orações exageradas (QUEIRÓS, 2000, p. 295).

Como se presenciasse a cena se desenvolvendo num palco teatral, Eça de Queirós cria o efeito de saber o que ocorre na consciência do abade, ao mesmo tempo em que simula saber as palavras proferidas por ele, transmutando-as em palavras suas. Com a confissão relatada, é possível defender que o romancista constitui um intradiscorso que se sustenta sobre dois polos opostos, sendo um deles situado ao lado do que seria o discurso católico tradicional, valorado de forma derrisória e pejorativa, e o outro, o de Ferrão (embaixador do romancista), colocado sob uma rubrica positiva e elogiosa em relação à religiosidade vista de uma forma mais humana e condescendente. Se, de um lado da balança, “noturno cérebro”, “povoado de fantasmagorias”, “imaginação torturada pelo terror”, “amo feroz e furioso”, “servi-lo por medo”, “perturbações da razão doente” e “orações exageradas” fazem os parâmetros de avaliação produzirem traços de desconstrução do funcionamento do clero católico tradicional, ameaçador e punitivo, do outro, “luz mais alta e larga”, “é por amor que é necessário servi-lo” e “pai indulgente e amigo” criam a humanização da religiosidade e do clero do momento. O excerto permite entrever a depreciação de um modo de religião e o elogio do oposto. A linearização intradiscursiva de que se vale o autor para qualificar os dois discursos contrapostos interdiscursivamente por meio de uma relação polêmica entre Ferrão e Dias/Amaro, pretendem con-



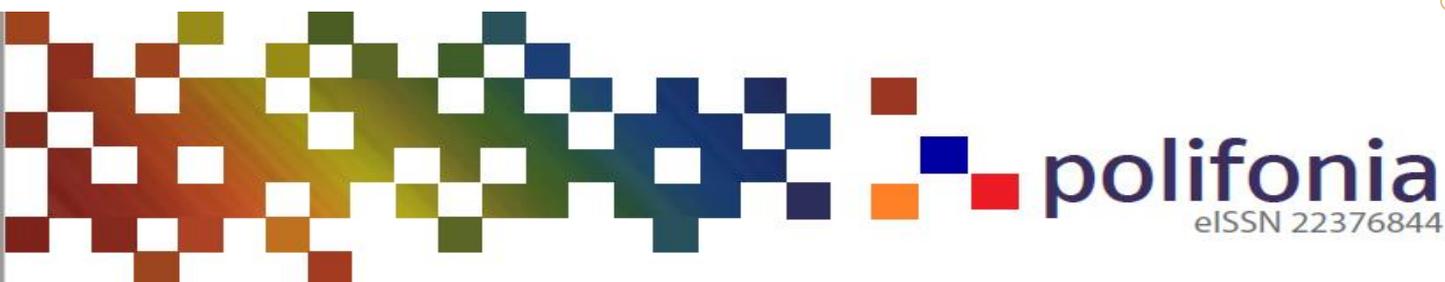
duzir, no limite, à rejeição de um discurso assustador e à aceitação de outro: doce, indulgente e compreensivo.

Apesar de que a entonação depreciativa do discurso Outro deva ser percebida em cada um dos termos/sintagmas/enunciados, já que o romance é constituído em torno desse vai-e-vem de rejeição/aceitação, para os propósitos presentes, há três enunciados negativos de que me valho: “Que o Senhor não era um amo feroz e furioso, mas um pai indulgente e amigo”, “Que é por amor que é necessário servi-lo, não por medo” e “Que não se cansasse em orações exageradas”. Para que o enunciador 2 (E_2 =Ferrão) seja compreendido na razão que o leva à produção destes enunciados, há que se considerar um enunciador 1 (E_1 =Clero Tradicional) que produz as afirmações que são convertidas nos seus opostos, além de, nos dois primeiros casos, serem retificadas/corrigidas. Em todas, a negação é contundentemente polêmica e contrapõe duas concepções de viver a religiosidade e se portar frente aos ditames do clero.

No primeiro enunciado, E_2 produz o efeito de existência objetiva de um discurso que considera o “Senhor ... como um amo feroz e furioso” (E_1) e digladia com ele por meio da negação polêmica, nega essa assunção e afirma que Ele não pode ser pensado dessa forma, por meio da retificação introduzida pelo conectivo contrajuntivo (*mas*). Há um redobro, pois, da rejeição, que se faz por meio da negação (*não*) e da correção metalinguística (*mas*), que rejeita os termos ‘feroz’ e ‘furioso’ e os substitui por ‘indulgente’ e ‘amigo’.

No segundo enunciado, E_2 volta a criar um efeito de objetividade empírica calcado na pressuposição da evidência transparente de um discurso que considera que o Senhor “deve ser servido por medo”, discurso sustentado por E_1 , e o rejeita, afirmando que “é por amor que é necessário servi-lo”. Aqui, o enunciado afirmativo antecedente é rechaçado, se lido ao avesso, o que é confirmado por meio da negação que vem a seguir, confirmando que a primeira parte do intradiscorso prepara o terreno para a rejeição polêmica presente em “não por medo”.

Por fim, no terceiro enunciado, E_2 reitera o efeito de concretude histórica do discurso amedrontador de E_1 , que se pauta na defesa de um Deus punitivo que só pode ser satisfeito com “orações exageradas”. Outra vez, por meio da oposição refutativa, E_2 produz uma outra imagem de Deus, recomendando que Dona Josefa “não se cansasse em orações exageradas”, o que permite pressupor intradiscursivamente a existência interdiscursiva de um Outro que



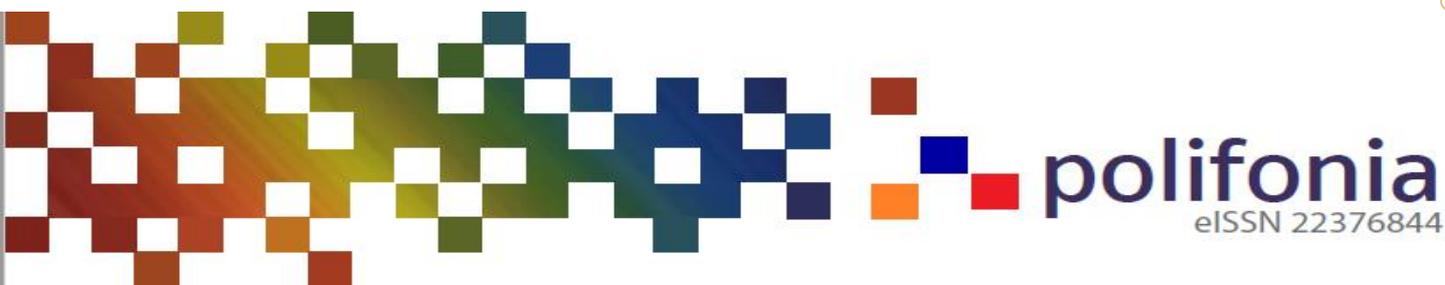
defende orações infundas para que a consciência se apazigue e Deus seja saciado.

Sumariamente, os três enunciados destacados colocam, de um lado, a defesa de que o Senhor é um “amo feroz e furioso”, que “deve ser servido por medo” e ser reverenciado com “orações exageradas” e, de outro, estes três preceitos são negados, afirmando que é “um pai indulgente e amigo”, que ele “deve ser servido por amor” e que ele não exige “orações exageradas”. Se E_1 se sustenta pela manutenção, pela cristalização e pelo conformismo, E_2 se fundamenta na mudança, na ruptura e na resistência, sendo que a negação, como se percebe, desempenha um papel crucial para a corrosão do discurso de E_1 .

O segundo recorte que utilizo para mostrar a força corrosiva da negação frente ao discurso religioso estatuído se refere a uma das meditações de Amélia após confessar com o abade. Do mesmo modo que acontece com relação a Ferrão, Eça a constitui como porta-voz do discurso de E_2 (em confronto com o clero tradicional), ao qual se filia, e se imiscui no seu fluxo de consciência para, por meio do discurso indireto livre, simular a revelação do que se passa no interior da moça, que, até então, era atormentada pela aflição de ser pecaminosa, levando uma existência dramática frente ao futuro que lhe era desenhado. Eis:

Ah, fora decerto Nossa Senhora, compadecida enfim dos seus tormentos, que lhe mandara do Céu aquela inspiração de se ir entregar toda dorida aos cuidados do abade Ferrão! Parecia-lhe que deixara lá, no seu confessionário azul-ferrete, todas as amarguras, os terrores, a negra farrapagem de remorso que lhe abafava a alma. A cada uma das suas consolações tão persuasivas sentira desaparecer o negrume que lhe tapava o Céu; agora via tudo azul; e quando rezava, já Nossa Senhora não desviava o rosto indignado. É que era tão diferente aquela maneira de confessar do abade! Os seus modos não eram os do representante rígido dum Deus carrancudo; havia nele alguma coisa de feminino e de maternal que passava na alma como uma carícia; em lugar de lhe erguer diante dos olhos o sinistro cenário das chamas do Inferno, mostrava-lhe um vasto Céu misericordioso com as portas largamente abertas e os caminhos multiplicados que lá conduzem, tão fáceis e tão doces de trilhar que só a obstinação dos rebeldes se recusa a tentá-los (QUEIRÓS, 2000, p. 311-312).

Pode-se ouvir em cada palavra proferida por Amélia um acento valorativo situado entre dois polos contraditórios e paradoxais; eles são movidos por diferentes visadas axiológicas e por formas irreconciliáveis de conceber a Deus e aos fiéis. Cada um deles é constituído por um campo semântico organizado em torno de termos, de um lado, demeritórios e, de outro, por efeitos de sentido sobrecarregados positivamente. Contra a caracterização do discurso de

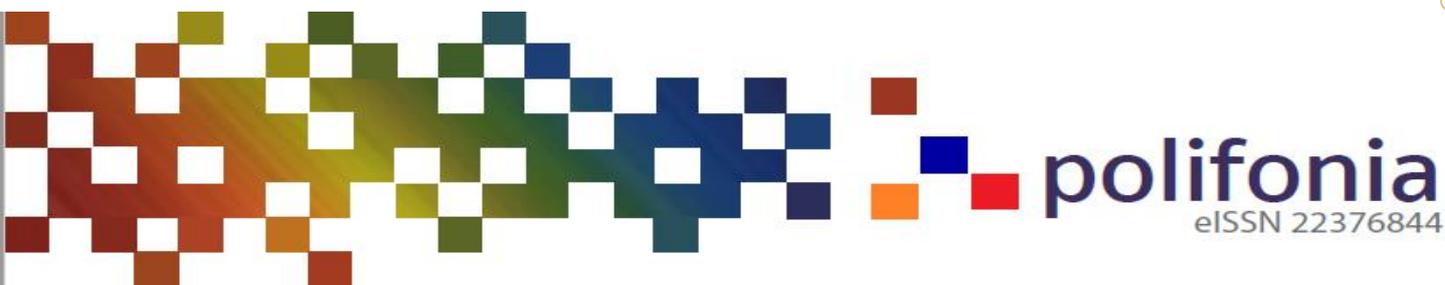


E_1 como produtor de *tormentos, amarguras, terrores, remorso e negrume*, além de ser *sinistro* e levar a pessoas a ficarem *doridas*, o discurso de E_2 é *diferente* por ser *feminino, maternal e misericordioso*, funcionando como uma *carícia* por meio de *consolações* que apontam *portas abertas* e caminhos *fáceis e doces*. Tudo se passa como se, aqui, estivesse a benevolência e a compaixão, enquanto lá estariam a desumanidade e a criação do terror. Em cada polo, encontra-se um Deus diferente, uma religiosidade distinta e a salvação mais perto ou mais distante.

É defensável que, por meio da mobilização de duas matrizes antagônicas, o autor, valendo-se dos seus porta-vozes (seja os que fundam o polo positivo ou o polo negativo da dualidade, com a benevolência aqui e a tragicidade ali), organiza dois campos lexicais de ordens distintas, logrando, no limite, levar o leitor à simpatia com um e à antipatia com outro. Faz-se necessário salientar que não há no romance um posicionamento que seria uma mirada original, surgindo como o discurso novo que ainda não fosse ouvido em outros contextos. Eça de Queirós é, assim como os seus personagens, o porta-voz de um tempo em que a maneira já esclerosada da prática discursivo-religiosa tradicional caía em descrença, o que não invalida o embate que ele propicia por meio da encenação dramática que constrói.

Retomando o objetivo deste estudo, no excerto acima, há dois enunciados tipicamente negativos e que contrapõem as duas modalidades de religião que são contrapostas: “e quando rezava, já Nossa Senhora não desviava o rosto indignado” e “Os seus modos não eram os do representante rígido dum Deus carrancudo”. No primeiro caso, se, antes, em face dos terrores que havia desenvolvido por causa das pregações religiosas a que foi submetida, Amélia tinha a impressão de que Nossa Senhora, indignada frente à pecadora que ousava dirigir-se a ela, virava o rosto ao vê-la, sendo esta “alucinação” provocada pelo discurso de E_1 , ela, agora, não mais tem essa impressão e encontra um rosto carinhoso que a contempla de modo carinhoso e indulgente, o que teria sido alcançado, de acordo com ela, por meio do amparo do abade Ferrão, que lhe havia mostrado *portas abertas* e caminhos *fáceis e doces*.

No segundo enunciado, a caracterização de Ferrão como não sendo *um representante rígido* e de Deus como não sendo *carrancudo* revela uma vez mais o embate de dois discursos, estando do lado de E_1 a rigidez e o semblante carregado (que produzem o efeito de um discurso amedrontador e terrível) e de E_2 a feminilidade, a maternidade, o carinho e a miseri-



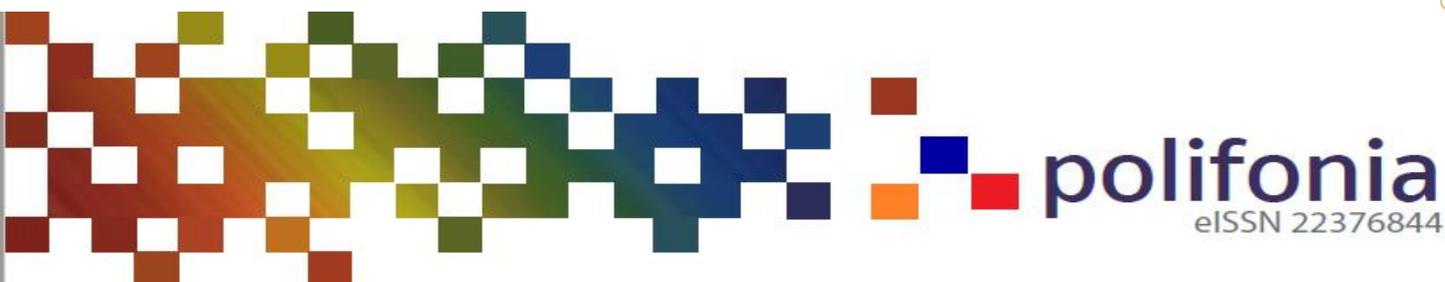
córdia. Se, para Amélia, Ferrão não representava uma parcela do clero daquele momento, é porque, ao fundo, à guisa de conhecimento partilhado, o outro clero, pautado na criação do medo e da culpa permanente, que produzia vidas em dessorsego, existia e era qualificado demeritoriamente pelos diversos porta-vozes do romance: Amélia/Ferrão/Queirós.

Seria necessário considerar também os casos de negação que não se fazem por meio de partículas naturalmente negativas, como em “A cada uma de suas consolações tão persuasivas sentira desaparecer o negrume que lhe tapava o Céu” e “em lugar de lhe erguer diante dos olhos o sinistro cenário das chamas do Inferno”, em que *desaparecer* faz conflitar com o que existia e foi suprimido e *em lugar de* que mostra um direcionamento da pregação religiosa que se faz sobre outros alicerces. Para ir direto ao ponto, elas não se comportam de modo crucialmente distinto da negação explícita.

Recorro a um último recorte da obra em apreço, atendendo ao objetivo de demonstrar que a negação, do ponto de vista discursivo, possui um funcionamento demeritório, colocando-se, pendularmente, ao lado da polêmica, da contradição e do embate franco e explícito. Nela, nada há que não seja um outro/Outro que deve ser rejeitado, por ser portador de uma voz que não coaduna com a do oponente. A negação sempre tem um E₁ e um E₂ que se confrontam e são porta-vozes de miradas valorativas conflitantes. Eis o recorte:

Não tentava arrancá-la bruscamente à realidade humana; ele não a queria para freira; só desejava que aquela força amante que sentia nela servisse à alegria dum esposo e à útil harmonia duma família, e não se gastasse erradamente em concubinagens casuais... No fundo o bom Ferrão preferiria decerto na sua alma de sacerdote que a rapariga se separasse absolutamente de todos os interesses egoístas do amor individual, e se desse, como irmã de caridade, como enfermeira dum recolhimento, ao amor mais largo de toda a humanidade. Mas a pobre Ameliazita tinha a carne muito bonita e muito fraca; não seria prudente assustá-la com sacrifícios tão altos; era toda mulher - toda mulher devia ficar; limitar-lhe a ação era estragar-lhe a utilidade. Cristo não lhe bastava com os seus membros ideais pregados na cruz: era-lhe necessário um homem como todos, de bigode e chapéu alto. Paciência! Que ao menos ele fosse um esposo sob a legitimação sacramental (QUEIRÓS, 2000, p. 315).

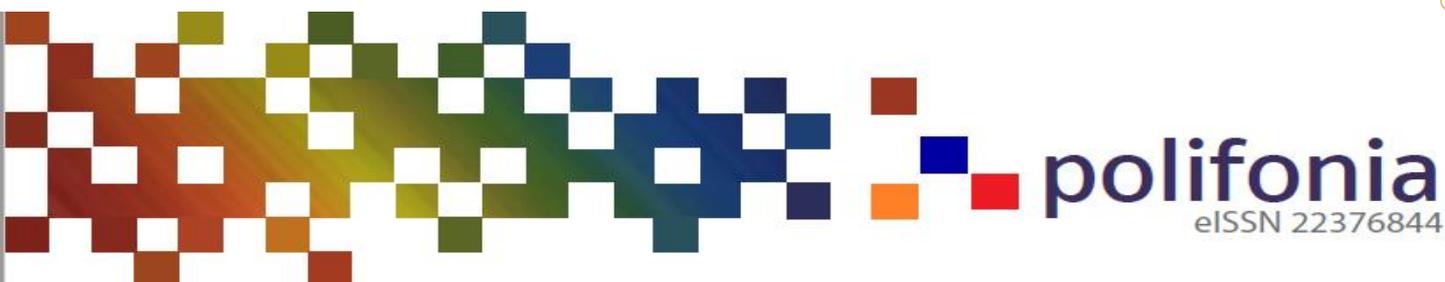
Neste caso, o excerto foi retirado de um dos momentos em que o narrador se imiscui no fluxo de consciência do abade e, outorgando-se a onisciência observadora, em discurso indireto e indireto livre, transmuta o que se passa no mundo interior do religioso em palavras suas, dando explicitude ao que, supostamente, ocorre no monólogo introspectivo de Ferrão.



Ao contrário do que ocorre nas outras duas sequências utilizadas, aqui, a contraposição se faz entre dois discursos que observam o comportamento humano e, pautando-se na sua forma de conceber o mundo, agem em relação a ele: de um lado, a natureza humana é tida como pecaminosa e deve ser constrangida por meio de penitências, sacrifícios e renúncias; de outro, por ela ser tida como irresoluta e pouco persistente, a saída é lhe fornecer saídas que atendam aos seus desejos e anseios, sem que a tornem indigna e merecedora de sanções negativas.

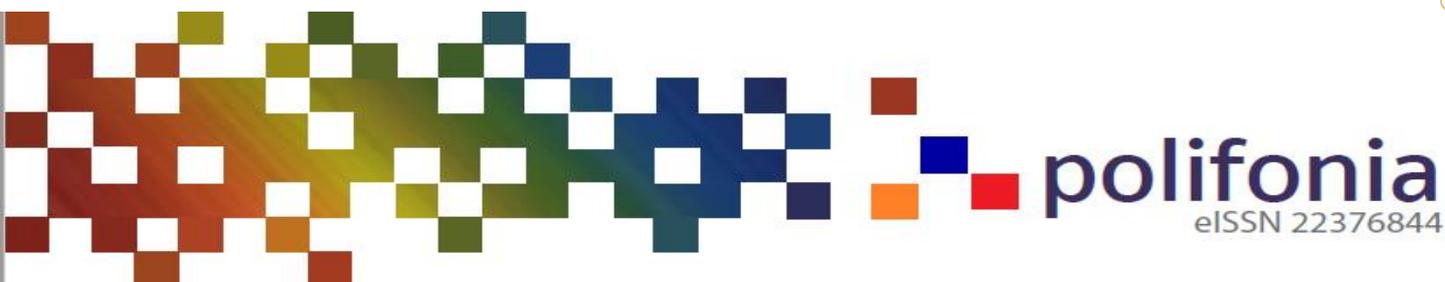
A percepção acurada de Ferrão sobre a condição de mulher que constitui Amélia chega ao leitor por meio de sequências como *realidade humana, tinha a carne muito bonita e muito fraca e era toda mulher*, ao mesmo tempo em que há hipóteses sobre como não desumanizar a sua condição com expressões como *alegria dum esposo, harmonia duma família, era-lhe necessário um homem como todos, um esposo e legitimação sacramental*. Nestes fragmentos se mesclam a realidade pungente da constituição carnal da protagonista, ao mesmo tempo em que são imaginadas as saídas tidas como menos desumanas, para que, sendo Amélia respeitada na sua natureza instintiva, lasciva e sensual, não caísse na indignidade das *concubinagens casuais* e fosse submetida ao opróbrio público. Contra o ponto de vista do clero tradicional, sempre pronto a censurar, recriminar e culpabilizar as fraquezas humanas (embora ele próprio padeça de todas elas), em Ferrão, há uma clareza maior sobre a natureza do ser humano e sobre o que é necessário fazer para refreá-la, sem necessariamente cair na repressão, na coerção, no constrangimento ou na criação do medo e do terror.

No que tange especificamente às negações canônicas presentes no excerto, todas elas revelam o caráter de confronto polêmico, neste caso, entre uma visada punitiva e uma outra indulgente e compreensiva sobre a condição humana. Em última instância, são duas formas distintas de atuação religiosa e duas maneiras diferentes de conceber o trânsito entre os homens e o *Senhor*. São elas: a) “Não tentava arrancá-la bruscamente à realidade humana”: no caso do abade Ferrão, trata-se de compreender a realidade humana e saber conduzi-la de forma a não se tornar imoral e indigna, sendo respeitada, porém, na sua forma de ser; no caso do pároco Amaro, é justamente o contrário, pois essa mesma natureza é explorada em proveito próprio, forçando a vazão da lascívia e da sensualidade para a realização do seu prazer egocêntrico. b) “ele não a queria para freira”: sabedor da condição sensual de Amélia, o abade



buscava respeitá-la em sua natureza, fazendo seus esforços serem canalizados para escolhas ao sabor da doxa dominante, com isso evitando que caísse na maledicência e na indignidade. O pároco, ao contrário, valia-se da situação vivida pela protagonista para, valendo-se da sua ascendência sobre ela, dar vazão aos seus desejos e à sua lascívia. c) “não se gastasse erradamente em concubinagens casuais”: enquanto Ferrão exortava Amélia com conselhos e orientações para que abandonasse uma vida que a fazia infeliz e a deprimia, Amaro, de maneira egoísta, aproveitava-se da moça, realizando os seus desejos eróticos em detrimento dos sobressaltos e incômodos que ela pudesse ter. d) “não seria prudente assustá-la com sacrifícios tão altos”: negando uma escolha que o satisfaria, tentando fazer Amélia tornar-se freira, o abade buscava suprimir os próprios objetivos, tentando encontrar um caminho que fosse salutar para ela, que a respeitasse em seu caráter e não a obrigasse a perseguir objetivos que estariam acima das suas forças, enquanto Amaro punha ao seu dispor a personalidade irresoluta de Amélia, satisfazendo a si mesmo. e) “Cristo não lhe bastava com os seus membros ideais pregados na cruz”: reconhecendo a constituição carnal e sensual de Amélia, Ferrão buscava contemplar a sua forma de ser, nada exigindo que estivesse acima da personalidade e, por isso, buscando atendê-la na sua sensualidade por meio de um *esposo* e de uma *legitimação sacramental*. Amaro, por seu turno, pensando somente em si, de certo modo, manipulava Amélia para que ela estivesse ao seu dispor e o satisfizesse nos seus propósitos lascivos e “pecaminosos”. Em resumo, também nestes casos, as negações canônicas utilizadas contrapõem dois discursos que traçam objetivos distintos para Amélia: de um lado, a busca de uma saída digna para o cotidiano da moça, por meio de um marido e de um casamento convencional, o que, para o abade, apaziguaria a situação vivida por ela; de outro, apenas a busca da saciedade do desejo individual e egoísta, sem atenção alguma para com o estado de espírito em sobressalto e desassossego de Amélia. Em ambos, a percepção da sensualidade que domina Amélia e a torna uma mulher desejante, mas cada um fazendo com que essa natureza seja canalizada para um ou outro propósito: altruísmo aqui; egocentrismo ali.

Entendo que, em termos de dar concretude empírica ao objetivo que estabeleci para a realização deste estudo, um ponto final razoável poderia ser colocado a estas alturas: parece-me evidente o suficiente que os dados utilizados mostram o funcionamento da negação como



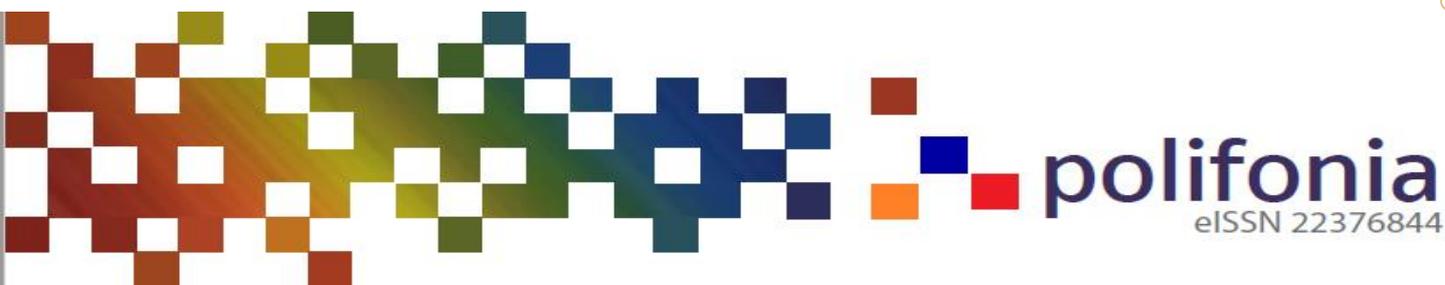
um mecanismo de contraposição entre dois discursos, sendo um assumido e o outro rejeitado. Nos casos analisados, tem-se, de um lado, o discurso do clero tradicional, que é rechaçado e qualificado de forma pejorativa, e, do outro, o discurso religioso humanista, condescendente, doce e humanizador. E creio que possa ser dado como evidente que a negação aparece como uma forma de resistência interdiscursiva por meio da polêmica.

Contudo, parece-me oportuno trazer um dado a mais, em virtude da atualidade que preocupa (fortemente) uma grande parcela da população, em face das consequências sociais, políticas, econômicas e ideológicas que traz em seu bojo. Trata-se do movimento #EleNão, organizado por meio das redes sociais contra um candidato a presidente, assumidamente sexista, machista, homofóbico e racista, dentre outros preconceitos a ele imputáveis. Permito-me trazer este último dado, porque ele serve bem para a sustentação da hipótese que defendo neste trabalho e porque, além disso, ele permite que eu possa assumir uma opção política num trabalho científico, sem me tornar panfletário. A AD nasceu com um propósito político (não partidário) e não há como praticá-la sem escolher um lado. Creio que os apontamentos que vêm na sequência mostram qual é o meu.

6. #EleNão

Tomado apenas a partir da constituição linguística, sem que as condições de produção sejam consideradas (o que é inaceitável do ponto de vista discursivo), o movimento popular conhecido com #EleNão, encetado crucialmente por mulheres, não é compreensível no que diz respeito à polêmica que desenvolve e o recuso negativo *não* perde o seu poder de contradição, de confronto e de celeuma. Já que só se nega o que é afirmado ou só se afirma o que é negado, faz-se necessário recolocar o enunciado na sua trajetória histórica de aparecimento, para que se possa elucidá-lo em sua necessidade histórica.

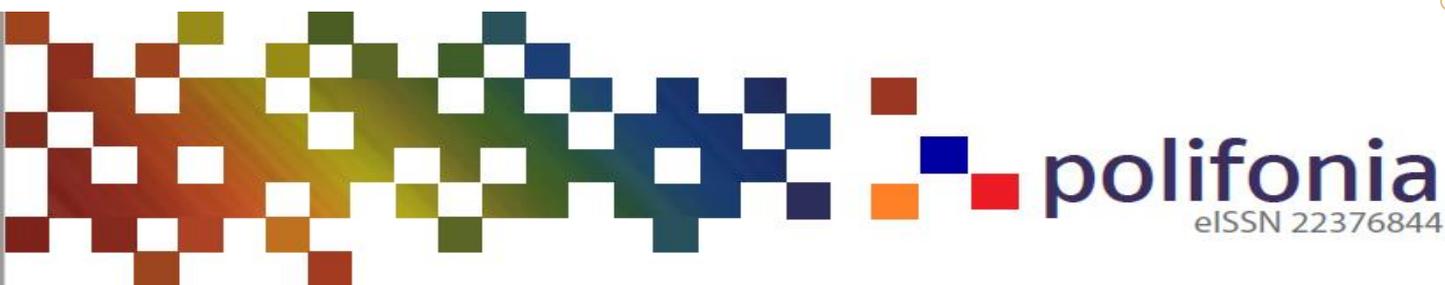
De início, é preciso recuperar o fato de que o movimento #EleNão, que desembocou numa manifestação de grandes proporções em 29 de setembro de 2018 e que foi encorpado, sobretudo, por mulheres, utilizou-se das redes sociais (facebook, twitter, whatsapp) como motor crucial de construção, de organização e de chamamento para a demonstração pública de



repúdio a um dos candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2018. Usando, para a constituição do enunciado, o sinal de hashtag (cerquilha ou jogo-da-velha), que serve para indexar assuntos ou discussões em redes sociais sobre um tópico específico e, sobretudo, para fazer uma convocação para uma adesão de cunho político neste caso, a formatação verbal do sintagma migrou, quase imediatamente, da condição de indicador de um tema ou assunto, para a designação nominal, substantiva e demarcadora de uma tomada de posição em relação a um discurso contra o qual as mulheres entendiam desejavam se manifestar. Se, de início, o enunciado, constituído por três diferentes ingredientes, encabeçado pela hashtag, convocava para um ato público de reprovação, rapidamente, tornou-se justaposto, flutuando entre a designação (“O #EleNão convoca todas as mulheres a desenvolverem atividades em suas cidades”) ou de adjetivação (“O movimento #EleNão levou hoje para as ruas muito mais mulheres do que os proponentes da manifestação esperavam”).

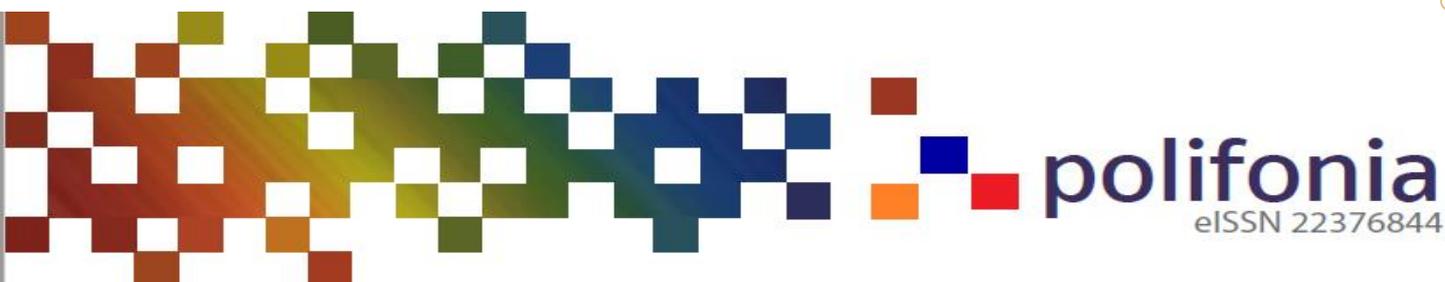
Na partição do sintagma (ou substantivo ou adjetivo), após a cerquilha, neste caso, com efeito de convocação e de adesão a um objetivo, encontrava-se o ingrediente linguístico dêitico *ele*, que, em si, é vazio de sentido, dado que, por ser um termo pronominal, carece, para a sua elucidação, da recuperação de a quem remete para que seja saturado e se torne significante. Entretanto, em face da proporção que o movimento tomou e do unísono que se ouviu nas manifestações que aconteceram em inúmeras cidades brasileiras, a indicialidade do recurso foi imediata e acertadamente preenchida, isolando um dos candidatos em especial como foco da negação, da reprovação e da rejeição: Jair Bolsonaro (doravante, JB). Se, por um lado, a hashtag convocava para uma temática específica, por outro, o ingrediente pronominal era elucidado, na medida em que o dedo dêitico selecionava, acuradamente, dentre os candidatos do momento, um em especial a quem deveria ser dirigida a rejeição.

Alcanço, desse modo, o terceiro ingrediente constituinte do sintagma/nome/adjetivo: o elemento negativo canônico *não*. A questão que se coloca, então, é o que a negação repudia, já que, para negar, algo deve ter sido afirmado. Para iniciar a reflexão sobre a negativa que é crucial para a compreensão do enunciado/movimento, já que ela é o elemento determinante da movimentação proposta, é necessário perceber que a rejeição não incide diretamente sobre a pessoa empírica do candidato (por alguma característica física ou cognitiva qualquer), mas,



crucialmente, sobre o discurso de que ele é porta-voz. Em última instância, a rejeição se baseia na contradição entre o discurso das mulheres, que estaria num dos polos da contenda, e o do candidato, que estaria no outro: ambos colocados claramente em confronto. Para entender essa dissensão, recupero alguns dos enunciados proferidos pelo presidencialista.

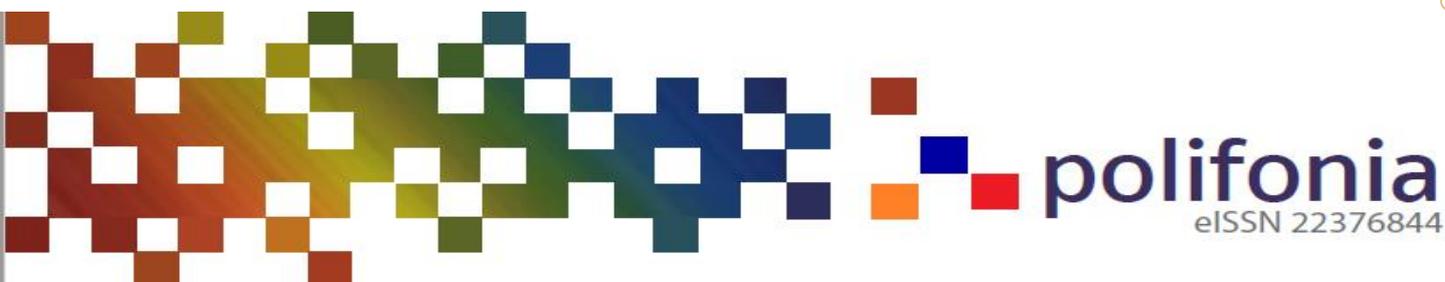
Ficou conhecido o episódio em que JB disse à Jandira Feghali (deputada federal pelo PSOL): “Você é muito feita para ser estuprada”, sustentando-se na pressuposição de que, se fosse bonita, ele a estupraria. Num país em que o número de casos de violência sexual contra mulheres é assombroso (e mesmo que isso não acontecesse), uma pessoa pública defender este tipo de posicionamento é algo que deve ser repudiado. JB foi denunciado e condenado por apologia ao estupro e as mulheres (nem todas) se colocaram decisivamente contra ele. Noutra ocasião, sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco (Rio de Janeiro), JB afirmou: “Por que tanto mimimi? Foi apenas uma mulher negra que tombou. É a vida”. Menosprezando a violência brutal do episódio, aparentemente por Marielle ser *apenas* mulher e negra, num país em que o feminicídio acontece diariamente (e mesmo que não fosse assim), o discurso do deputado foi rechaçado com veemência, não só por mulheres, mas também por elas. No caso do julgamento do impeachment da presidenta Dilma, em 2016, JB falou: “Espero que acabe hoje, infartada ou com câncer”. Embora aqui o discurso fosse proferido num momento de contenda política, não deixava de pesar o fato de a câmara ser ocupada majoritariamente por homens contrários ao Partido dos Trabalhadores, às vezes, por interesses escusos, e contra a chefe da nação (Dilma Roussef) ser uma mulher (parecia pesar sobre a decisão o inconsciente coletivo machista que segrega as mulheres, relegando-as a determinados lugares - era impossível não atentar para os cartazes de “Tchau, querida”, pelos que diziam defender “a pátria, a família e os valores cristãos”). Entrevistado sobre questões trabalhistas, JB assumiu: “Mulher deve ganhar menos, porque engravida”, causando um alvoroço, já que, comumente submetidas a condições trabalhistas desiguais, as mulheres (e não só elas) visualizaram no candidato um posicionamento cristalizador do funcionamento social que já as discrimina e as inferioriza na esfera da produção de bens. Noutra ocasião, perguntado por Preta Gil sobre o que acharia se um filho dele se cassasse com uma negra, JB disse: “O Preta, não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Não corro o risco de ter uma nora



negra, porque os meus filhos foram bem educados”. Na sua “lógica” de constituição, o enunciado permite concluir que a relação com uma mulher negra é promíscua e que quem se envolve com uma delas não foi bem educado. Foi mais um evento que provou celeuma e que fez as mulheres (negras ou não) se pronunciarem derrisoriamente em relação ao presidencial. Por fim, atento para um sexto caso, porque, com ele, o movimento em pauta criará uma relação intertextual direta que apresento mais à frente. Trata-se do caso em que, fazendo piadinha de mau gosto, JB ponderou: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens. Aí no quinto dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Novamente, houve uma avalanche de críticas das mulheres em relação ao menosprezo e ao posicionamento machista do candidato. Este conjunto de eventos levou à caracterização de JB como misógino e, no seu conjunto, contribuiu para que, como dito, em 29 de setembro de 2018, houvesse a manifestação monumental que se viu.

A negação polêmica que constitui determinantemente o enunciado de chamamento à manifestação de repúdio a JB e que demonstra o posicionamento de rejeição das mulheres (não todas: eu diria ‘infelizmente’, se um artigo científico permitisse) ao discurso de que o candidato é suporte foi, como se percebe, provocado por afirmações como as citadas que deram volume e espessura ao episódio de rejeição. O *não* da dissensão da manifestação das mulheres tem, portanto, uma relação interdiscursiva objetiva e direta com um discurso que se revelou preconceituoso e misógino e se mostrou discriminador e machista. Além disso, como afirmei, dentre os enunciados que circularam nas redes sociais, um criava uma retomada em discurso direto do que JB havia dito: “Vocês verão com quantas fraquejadas se faz uma revolução”; nele ocorre uma refacção do termo ‘fraquejada’, deslocando-o da insignificância e da irrelevância para a força decisória da mudança de uma conjuntura social. Parafraçando Freud, como se percebe, quando Pedro fala de João, aprende-se mais sobre Pedro do que sobre João, ou que, na verdade, a enunciação é uma denúncia, ou, ainda, como diria a sabedoria popular, “o peixe morre pela boca”.

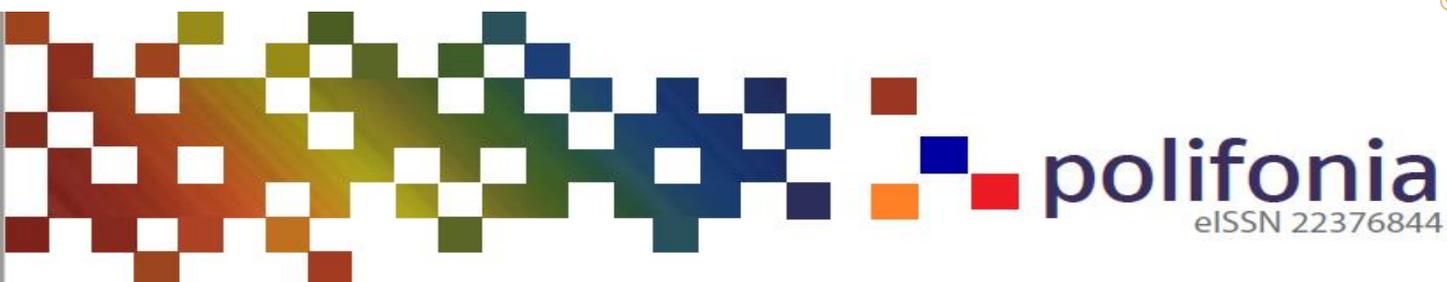
Não há como saber ou ter parâmetro seguro sobre o impacto do movimento sobre a escolha política dos eleitores (e das mulheres em especial), isto é, se ele foi/será decisivo para a disputa presidencial, mas não se pode duvidar que ele demonstra, com limpidez, o poder de resistência que a negação polêmica possui frente a forças que, uma vez cristalizadas como



poder hegemônico, tornam-se reacionárias, conservadoras e discriminantes. Não há como saber se o movimento #EleNão fez/fará alguma diferença na eleição do sucessor presidencial em 2018, porque isso demandaria filtrar as filigranas do acontecimento discursivo, o que é, em princípio, impossível, dada a impermeabilidade deste funcionamento discursivo. A se julgar pelas pesquisas publicadas imediatamente após a data da manifestação, a negação derrisória e refutadora causou até algum pânico em determinados setores da sociedade. E, na toada do momento, as participantes foram taxadas de “comunistas”, “lésbicas”, “mal-amadas”, “sem-ter-o-que-fazer”, “exploradoras da lei Rouanet”, dentre outras “qualificações”. Contudo, como se sabe, em discurso, o silêncio (significativo) que havia antes, de repente (forçado pelo confronto polêmico e contundente), tornou-se suficientemente ruidoso, para poder concluir que algum tipo de impacto e incômodo provocou, o que é sempre positivo no sentido de fazer algum tipo de movimentação histórica acontecer.

7. Considerações Finais

Voltando ao objetivo maior deste estudo e à guisa de conclusão provisória (bastante provisória), cabe reiterar a relevância linguístico-discursiva da negação para os movimentos de resistência e para a construção de posicionamentos ideológicos que não se alinham a determinadas produções de efeito de sentido sobre os objetos discursivos, rebelando-se contra a tentativa de petrificação do sentido e contra a vontade (interesseira) de contornar o mundo em limites fixos e não mais submetidos a controvérsias ou a outras vontades de verdade, de busca de realização de desejos e de condições concretas de vida prática cotidiana. Como afirma Chauí (1986, p. 178, grifo da autora), é “justamente porque essa consciência diz *não* (que) a prática da Cultura Popular pode tomar a forma de resistência e introduzir a ‘desordem’ na ordem, abrir brechas, caminhar pelos poros e pelos interstícios da sociedade brasileira” ou, como defende Pêcheux (1995, p. 304), “não há dominação sem resistência (...), é preciso ‘ousar se revoltar’ (...) e ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”, ainda que isto ocorra por meio da interpelação feita a



partir de outro posicionamento discursivo e outra mirada ideológica: é preciso dizer *não*.

8. Referências Bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. (Rev. Trad. Eduardo Guimarães). Campinas: Pontes, 1987.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. (Trad. Freda Indursky). Campinas: Pontes, 1989.
- _____. *Gênese dos discursos*. (Trad. Sírio Possenti). Curitiba: Criar Edições, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al.). 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.